

**ORIENTE MÉDIO /** O novo primeiro-ministro Mohammed al-Bashir fala em calma e no fim da instabilidade em um país marcado por profundas diferenças internas, após reunião com ex-assessor do governo deposto para definir transição pacífica

# Rebeldes prometem estabilidade

» RENATA GIRALDI

Cumprindo o que anunciou no domingo, na tomada do poder do governo de Bashar al-Assad, o grupo rebelde promete que trará a estabilidade à Síria, após 13 anos de conflitos armados, e fará uma gestão de coalização. O recém-nomeado primeiro-ministro Mohammed al-Bashir escolheu a emissora de televisão Al Jazeera para falar, pela primeira vez, sobre os planos à frente do governo. Cuidadosamente arrumado, com barba e cabelos aparados e usando terno — traje considerado ocidental —, ele prometeu que, durante sua interinidade, que irá até 1º de março, buscará imprimir um clima de tranquilidade no país.

O Secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, disse que os Estados Unidos vão apoiar o novo regime se renunciar ao terrorismo, destruir arsenais de armas químicas e proteger os direitos das minorias, inclusive as mulheres. As informações são do jornal *Times of Israel*, um dos principais do Oriente Médio.

“Agora é hora de esse povo desfrutar de estabilidade e calma”, disse al-Bashir à *Al Jazeera*. Ao lado direito dele estavam as bandeiras da Síria e do movimento terrorista Hayat Tahrir al Sham (HTS), ao qual faz parte, e que depôs Al-Assad, após 24 anos no poder. A Síria, com 23 milhões de habitantes, vive a fragmentação das correntes do islamismo, dos drusos, curdos e cristãos, além das divisões políticas e ideológicas.

## Cautela e precaução

Acompanhado do líder do grupo Abu Mohammed al-Jawlani, Al-Bashir se reuniu com o primeiro-ministro do governo deposto, Mohammad Ghazi al-Jalali. Segundo a AFP, Jalali concordou em entregar o poder ao governo de Salvação Sírio e fazer uma transição negociada. Após a derubada de Al-Assad, Al-Jawlani passou a assumir seu nome de família Ahmad al-Shareh, e fala em uma gestão pacífica.

Para especialistas ouvidos



Manifestante segura a bandeira da Shahada islâmica, juramento da fé muçulmana, enquanto caminha no pátio da Mesquita dos Omiadas

## Personagem da notícia

### Um líder em formação

O novo primeiro-ministro da Síria, Mohammed al-Bashir (foto), de 41 anos, é engenheiro electricista e, antes de se envolver com as forças rebeldes, trabalhou na companhia de gás oficial do país. Ele construiu sua carreira política à frente do chamado “Governo de Salvação” em Idlib, no noroeste da Síria, cidade que se tornou resistência ao governo deposto de Bashar al-Assad. Até então, era uma figura quase desconhecida e só teve o rosto revelado nos últimos dias, ao lado do líder da coalizão rebelde, Abu Mohammed Al-Jawlani, e o ex-primeiro-ministro

Mohammed al-Jalali, para coordenar a “transferência de poder”. Nomeado ontem chefe do governo de transição pelos rebeldes no poder em Damasco, Bashir comandará o executivo de um país devastado e dividido após 13 anos de guerra. O conflito estourou em 2011, após a repressão brutal do governo de Al-Assad durante os atos da Primavera Árabe. Formado na Universidade de Aleppo, Al-Bashir cursou engenharia elétrica e eletrônica, mas também tem formação em direito civil islâmico na faculdade de Idlib, segundo sua biografia.

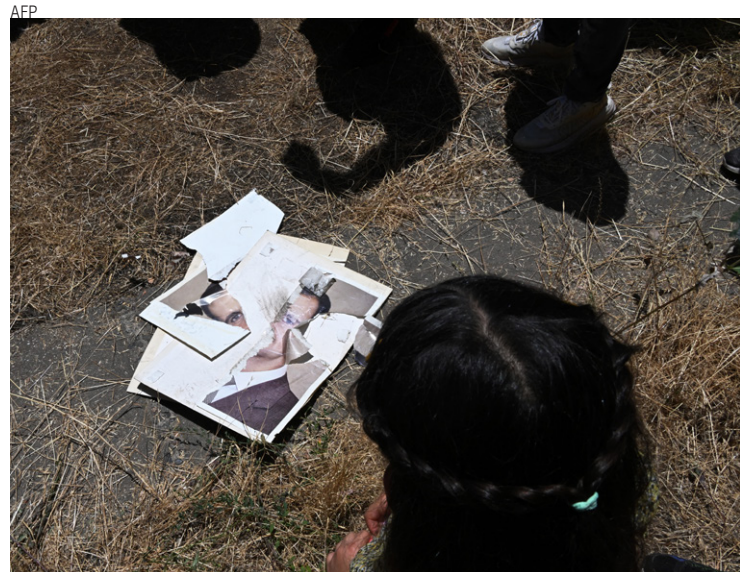


pelo **Correio**, é preciso observar com cautela as manifestações tanto de Al-Bashir quanto de Al-Jawlani, verificando se há

coerência entre discurso e ações. “Por enquanto, o que se pretende é legitimar o governo postulante, mas a história da humanidade

mostra que as mudanças ocorrem à medida que há ameaças de perda de poder ou de força”, alertou o professor Rafael Pinto

Duarte, do departamento de relações públicas do Iesb. Na Síria, aos poucos, segundo as informações os serviços



Estudantes sírios destroem fotos de Bashar al-Assad no Chile

## Perdedores e vencedores

Com o fim da Era de Bashar al-Assad e sua família em 53 anos no poder, especialistas em geopolítica analisam quem são os atores que perdem e ganham com a tomada do poder pelos rebeldes. Para os analistas ouvidos pelo **Correio**, a grande vencedora é a Turquia, que reina sozinha, sem a Síria rival na região. Perdedor, na opinião deles, é o Irã, que excluída a interlocução do Hezbollah, não tem comunicação com os combatentes. Mas e a Rússia? Para os especialistas, a

Rússia atua com o pragmatismo que a caracteriza. Está focada em dominar o Mar Negro e o leste da Ucrânia, portanto vivia dificuldades em manter o empenho na Síria. Porém, negociou cuidadosamente com os rebeldes, garantindo que suas bases militares serão preservadas de qualquer ataque, mesmo com a concessão de asilo a Al-Assad e sua família. O presidente Vladimir Putin, por exemplo, evita a expressão “terrorista” para definir os rebeldes.

“A Rússia está concentrada na guerra na Ucrânia”, observou Megan A. Stewart, professora assistente da Escola de Política Pública da Universidade de Michigan. “É preciso observar atentamente os desdobramentos que virão, sobretudo dois grandes atores nesse tabuleiro: Turquia e Israel, os mais interessados na relação com o governo de rebeldes”, afirmou o professor Rafael Pinto Duarte, do departamento de relações exteriores do Iesb. “Como serão os movimentos e as ações, uma vez que têm

questões territoriais envolvidas.” Para a Turquia, sem Al-Assad, a ocupação em território sírio pode avançar. A atual liderança turca está comprometida com a geoestratégia do neo-otomanismo, portanto interessada em anexar áreas antes disputadas e perdidas para a Síria. O Irã sofre com o avanço dos grupos sunitas extremistas, que aderem à ideologia da Al-Qaeda levará a um novo cálculo de poder na Síria, agora hostil a Teerã. A prova disso foi a evasão dos diplomatas iranianos de Damasco. (RG)

## Por dentro do "matadouro" de Al-Assad

» RODRIGO CRAVEIRO

A 35km ao norte de Damasco, um dos símbolos do horror do regime de Bashar Al-Assad virou história. A queda do ditador trouxe à tona histórias do “matadouro”, como ficou conhecida a prisão de Saydnaya. Quando a notícia sobre a tomada de Damasco chegou aos prisioneiros, muitos deles reagiram com incredulidade, depois de anos, às vezes até décadas, de inferno. “O que aconteceu?”, perguntaram os detentos, enquanto as fechaduras eram rompidas. “Vocês estão livres, saiam! Acabou!”, gritou um homem, ao gravar um vídeo com o celular. Esquálidos, alguns deles fracos demais até para caminhar, começaram a sair das celas.

Pesquisador, ativista dos direitos humanos e coautor de Syrian

Gulag: *Inside Assad's Prison System, 1970-2020* (“Gulag Sírio: Por dentro do sistema prisional de Assad, 1970-2020”), Jaber Baker esteve preso em Saydnaya entre 2002 e 2004. “O apelido ‘matadouro’ foi incorporado a essa prisão desde o começo da revolução. Milhares de sírios foram submetidos a assassinatos sistemáticos, torturas, fome e negligência médica. Alguns relatos mencionam que foram mais de 15 mil entre 2013 e 2015”, explicou ao **Correio**, por meio da rede social X. Segundo Baker, Saydnaya representa o ponto central da dor e de grande sofrimento. “A verdade é que a Síria tem vivido por muitos anos, desde os anos 1970, em um arquipélago de prisões, centros de detenção e tortura. Temos agências de inteligência militares e civis, todas com prisões,



A parte interna da prisão de Saydnaya: cerca de 30 mil detentos eram mantidos no calabouço

além de formações militares e de segurança que têm suas prisões. Saydnaya é a coroa gigante deste arquipélago sangrento.”

Na segunda-feira, Amin Al-Lababidi, 57 anos, visitou Saydnaya, em busca do cunhado e de um outro familiar, que tinham sido

capturados pelo regime de Al-Assad. “A maioria das pessoas que vi saindo de lá estavam doentes e perderam a memória”, contou ao **Correio** o gerente de uma companhia farmacêutica de Damasco. “Vi pais e mães esperando seus filhos, com lágrimas no rosto e com esperança em Deus e na libertação. Mas eles não trouxeram seus filhos para fora, nem mesmo sabiam seu destino.”

De acordo com Al-Lababidi, o que ocorreu em Saydnaya nos últimos 38 anos é algo que “nenhum filme pode descrever”. “O centro de detenção é imenso. Saydnaya representava tudo o

que era prejudicial à humanidade. Não era uma prisão, mas um matadouro de seres humanos”, denunciou. “Naquele local, havia todo tipo de tortura, inclusive algumas que não sabíamos da existência. A vilania do regime de Bashar Al-Assad não tinha qualquer parâmetro no mundo.” Ele relatou que as celas solitárias de Saydnaya mediam apenas 1m de largura por 1m de comprimento. As celas comuns, por sua vez, tinham 2m por 6m. “O objetivo de Saydnaya era a tortura e a sujeira.”

Imagens divulgadas nas redes sociais mostravam o que seria uma “prensa humana” — uma espécie de leito de concreto em que uma imensa placa de aço descia sobre o prisioneiro, amarrado com cordas, esmagando-o instantaneamente.